



EDITORIAL

María Franco Garcia
Universidade Federal da Paraíba

Uma Jornada de Trabalho

Durante o mês de Outubro de 2010 o Departamento de Geociências da UFPB sediou a XI JORNADA DO TRABALHO organizada pelo Centro de Estudos de Geografia do Trabalho – Seção Paraíba (CEGeT-PB).

Os parceiros deste trabalho foram o CEGeT vinculado à UNESP de Presidente Prudente, São Paulo, em articulação com o CEGeT/Curitiba da UFPR; o CEGeT/Mato Grosso do Sul da UFMS em Nova Andradina e Dourados; o CEGeT/Tocantins da UFTO em Palmas; o GETEM (Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais) da UFG em Catalão; o GEOLUTAS da UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon, Paraná; o Laboratório de Pesquisas e Projetos Espaciais (LEPPAN/UFPB) e; o Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPB em João Pessoa. O objetivo deste encontro foi renovar, fortalecer e ampliar o debate iniciado há mais de dez anos no CEGeT/UNESP de Presidente Prudente, que hoje conjuga diferentes frentes do território e da Geografia brasileira.

As instituições, UFPB, UNESP, UFPR, UNIOESTE, UFG e; os Grupos de pesquisa, Espaço, Trabalho e Campesinato (GETEC/UFPB-João Pessoa); Grupo de pesquisa em Água e Território (GEPAT/UFPB-João Pessoa) e; o Grupo de Estudos Estado, Capital e Trabalho da UFS-Aracajú, trabalharam conjuntamente para que a XI Jornada do Trabalho amplie-se o debate geográfico sobre o mundo do trabalho, tendo como tema central O TRABALHO E AS ESCALAS DAS PRÁXIS EMANCIPATÓRIAS: Autonomia de classe frente à territorialização do capital.

Durante o evento as discussões se centraram nos processos que atingem tanto a materialidade como a subjetividade do mundo do trabalho e da classe trabalhadora, a partir da realidade vivenciada em diferentes espaços e escalas da geografia mundial.

As Jornadas do Trabalho são fóruns permanentes de debate e fortalecimento da linha de pesquisa geográfica que tem na centralidade do trabalho e o seu fundamento interpretativo e, ao tempo, importantes momentos de interlocução com outros pesquisadores, Grupos de Pesquisa, professores, estudantes, movimentos sociais, entidades de classe e trabalhadoras e trabalhadores que no Brasil vivenciam cotidianamente os embates de um sistema metabólico em que o capital, e a sua lógica destrutiva, comanda a vida e controla os discursos fazendo

com que as práticas emancipatórias e libertárias afincadas nos territórios sejam cada vez mais ousadas e necessárias.

A proposta dos nossos encontros é colocar à luz da reflexão coletiva as contradições do modelo de desenvolvimento que o capitalismo atual impõe aos territórios, na acumulação de amplas margens de lucro e na inclusão precária de grande quantidade de trabalhadoras e trabalhadores em formas de exploração cada vez mais perversas, que garantam ampliadamente a reprodução combinada e contraditória desse modelo de organização social e espacial. A desigualdade e a contradição continuam desenhando a geografia de início de século XXI, prenhe de territórios da cidadania, rurais, da Reforma Agrária, do agronegócio, das comunidades tradicionais, alienados e desvendados da dialética espacial em curso.

Para desenvolver esta proposta desenvolvemos durante a XI Jornada do Trabalho o debate e a troca de experiências de militância, pesquisa e extensão. Para isso, a o evento estruturou-se em: mesas redondas, trabalhos de campo e grupos de trabalho. As três Mesas Redondas da XI Jornada se configuraram como espaços para a socialização do conhecimento e para o diálogo a partir de diferentes discursos (científico-acadêmico, militante, estudantil). Os temas priorizados foram: Práxis geográfica: enfrentamentos e desafios teóricos; Capital, produção camponesa e territorialidades: dinâmicas geográficas de destruição e organização social, degradação e preservação ambiental e; Crise estrutural do capital, limites históricos e construção de resistências. Para isso contamos com a participação de Alexandrina Luz Conceição (UFS), Manoel Fernandes (USP), Marcelo R. Mendonça (UFG), Ivan Targino (UEPB), Ivo Tonet (UFAL), Antonio Thomaz Jr. (UNESP), Emília de Rodat Fernandes Moreira (UEPB), Maria Esther Ferreira da Silva (UFAL) e José Alves Bairral (UFAC).

Os cinco Trabalhos de campo, coordenados por Edvaldo Carlos de Lima (UEPB), se realizaram em diferentes locais do território paraibano visando explorar as contradições sócio-espaciais do sistema metabólico do capital e os processos de constituição de territorialidades plurais e insurgentes em curso. Os Trabalhos de Campo realizados foram: 1) Territorialidades da Mata e do Brejo Paraibanos: conflito fundiário em terra indígena e processamento de cachaça. Durante este trabalho de campo visitaram-se diferentes territórios de produção, trabalho e vida na região da Mata e na micro-região do Brejo na Paraíba, com o objetivo de apreender a singularidade do processo de luta e retomada das terras indígenas pelo povo Potiguar, na Aldeia Monte Mor, município de Rio Tinto e a organização da produção e do trabalho da/cana no Engenho Lagoa Verde, município de Alagoa Grande; 2)

Territórios quilombolas e de Reforma Agrária no Litoral Sul do estado. Este trabalho de campo possibilitou conhecer os assentamentos de Reforma Agrária Dona Antônia e Rique Charles organizados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) na região da Mata Paraibana, Litoral Sul, com o objetivo de verificar as

particularidades de sua organização e dinâmica, bem como apreender a problemática das comunidades quilombolas de Gurugi e Ipiranga também inseridas na Mata Paraibana diante da organização fundiária promovida pelas políticas públicas voltadas para o reconhecimento e titulação dos territórios negros; 3) A organização do trabalho familiar e a apropriação de Tecnologias Sociais no Lajedo de Timbauba, município de Soledade. O trabalho de campo teve como finalidade conhecer e entender a organização do trabalho na produção e apropriação das tecnologias sociais hídricas no Semiárido Paraíba; 4) Agronegócio canavieiro e luta camponesa na Zona da Mata Paraibana. O intuito da atividade foi resgatar a memória territorial das

Ligas camponesas e da mobilização social na região até os dias de hoje, visitando o acampamento sem-terra em Barra de Antas, no município de Sapé o agronegócio canavieiro e a expansão da cana no Assentamento Dona Helena; 5) O centro histórico, as ocupações urbanas e o processo de gentrificação na cidade de João Pessoa. Durante este trabalho de campo foi possível apreender o processo de formação histórica do centro de João Pessoa, as tensões sociais atuais e a luta pela moradia.

A XI Jornada também contou com quatro Grupos de Trabalho. A proposta deste formato e não do Espaço de Diálogo teve como objetivo priorizar a diversidade temática das pesquisas que tem como objeto a dinâmica territorial do trabalho, apontando as reflexões para as questões centrais que sustentam cada uma delas. Cada GT foi coordenado por vários membros das diferentes frentes do CEGeT e membros de Grupos de Pesquisa parceiros. Os coordenadores de cada GT foram os responsáveis pela aprovação e aceite dos artigos submetidos e pela elaboração da síntese das questões centrais que nortearam os trabalhos.

As comunicações submetidas foram distribuídas nos seguintes Grupos de Trabalho (GTs) organizados em eixos temáticos. Os eixos temáticos apresentados foram: a) Agro-hidro-territórios, degradação da Natureza e do Trabalho, coordenado por Atamis Foschiera (UFTO), Pedro Costa Guedes Viana (UFPB) e Juscelino Bezerra (PPGG-UNESP); b) Conflitos territoriais e fragmentação do trabalho, coordenado por Fernanda Keiko Ikuta (FIE-Curitiba), Marco Antonio Mitidiero Jr.(UFS); c) Ideologia, educação e discurso, coordenado por Sonia Maria Ribeiro (PPGG-UNESP), Josefa Lisboa Santos (UFS) e Marcelo Cervo Chelotti (UFU); d) Multidimensionalidade e desenvolvimento do território, coordenado por Jorge R. Montenegro (UFPR) e Karina Furini (UFAC) e; Crise estrutural, desemprego e informalidade, coordenado por Sócrates Oliveira Menezes (UEVC) e Joelma Cristina dos Santos (UFU).

O Grupo de Trabalho 01 focalizou a discussão na dinâmica geográfica do capital e o trabalho nos diferentes biomas brasileiros; os conflitos pelo acesso e uso da água no espaço rural; a apropriação de recursos naturais e o papel do Estado; a matriz energética limpa e produção de agrocombustíveis; os agro-hidro-territórios e conflitos sociais e; a monocultura, exploração do trabalho e saúde. Já o Grupo

de Trabalho 02 tratou das pesquisas voltadas para o entendimento da Reforma Agrária e questão agrária no Brasil; a Soberania alimentar e mobilização de classe; a fragmentação da práxis social do trabalho e ação do Estado; a identidade do trabalho, luta por moradia e direito à cidade; a territorialização e o processo de dissidências políticas dos movimentos sociais no campo e na cidade e; os limites da teoria frente a complexidade do ser que trabalha. O Grupo de Trabalho 02 trabalhou focado na problemática da educação e o controle social e a educação para a emancipação; a educação e trabalho: educação e a reprodução do capital; as propostas educativas dos Movimentos Sociais; a luta por educação e as lutas sociais; a educação e luta pela terra; metodologias e práticas pedagógicas contextualizadas e libertárias; ideologia, poder e discurso e; mídia, Estado e discursos de desenvolvimento para o campo. Finalmente o quarto Grupo de trabalho trouxe as discussões sobre a multidimensionalidade do território; as relações de poder e o acesso à terra pelas mulheres trabalhadoras rurais; o gênero e a classe na formação dos territórios; a informalidade e a precarização do trabalho; o trabalho escravo e as relações de subserviência ao capital; as comunidades tradicionais, a terra e o trabalho; as Lutas pelo reconhecimento e demarcação de terras indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais; o impactos do desenvolvimento nos territórios tradicionalmente ocupados e; as modulações do desenvolvimento “em partículas” (territorial, de gênero, para comunidades tradicionais...).

A XI Jornada contou também com momentos de apresentação e debate de filmes e documentários produzidos pelos distintos grupos, lançamento de livros e reunião interna do CEGeT.

A seleção de textos que apresentamos neste número da Okara ilustra as preocupações, temáticas, metodologias e discussões travadas durante os dias do evento. Posteriormente, no ano de 2011 foi realizada a XII Jornada do Trabalho na UFPR, em Curitiba, coordenada por Jorge R. Montenegro Gomes e o ENCONTTRA.

A síntese dos trabalhos apresentados na XI Jornada será publicada na editorial do vol. 6. n. 2 desta revista. No momento, esperamos que compartilhem conosco os artigos publicados neste número e se somem ao debate atual do mundo do trabalho e as suas transformações sobre a perspectiva geográfica.